

Quanto deve cada empresa lá fora?

Qual é o valor da dívida externa de cada empresa junto a cada banco? Para saber a resposta, o Banco Central já determinou que cada nova operação em recursos externos seja comunicada, através de mapa mensal, com a atualização do valor dos débitos por clientes, ao Deorb (Departamento de Organização e Autorizações Bancárias).

A Deorb manteve a exigência de informações sobre o valor em moeda estrangeira, condições contratuais (prazo, comissões, juros, forma de pagamento), atividade da beneficiária, e garantias recebidas. Quando se tratar de entidade da administração indireta federal, estadual e municipal, o banco deve indicar a natureza jurídica da empresa tomadora dos recursos externos.

Renegociação

O governo deverá obter, na nova fase de renegociação que começa em outubro, só o refinanciamento da dívida externa de 1985, e não um pacote plurianual abrangendo a dívida a vencer nos próximos três ou cinco anos. A previsão foi feita, ontem, pelo presidente da Volkswagen do Brasil, Wolfgang Sauer, depois de uma audiência com o ministro da Fazenda, Ernane Galvães, e dizendo basear-se em observações feitas após encontros com banqueiros estrangeiros.

Na opinião de Sauer, o Brasil não suportaria as condições impostas pelos banqueiros credores ao México, na renegociação recente,

durante a qual foi acertado um refinanciamento da dívida a vencer nos próximos seis anos, com prazo de pagamento de 14 anos. "O Brasil teria de obter condições melhores que o México, porque não temos a receita de exportação com petróleo que têm os mexicanos".

De qualquer forma, "a comunidade financeira internacional ainda não está convencida de que já é o momento de refinanciar as dívidas dos países em desenvolvimento a longo prazo, e em condições especiais para que possam conseguir um arranque em seu desenvolvimento econômico".

Para Sauer, a tímida recuperação da economia brasileira ainda não alcançou o setor de automóveis e a sua expectativa é de que só no próximo ano isso poderá vir a ocorrer. Citou, a propósito, a queda de 10 a 15% nas vendas de carros de passeio, nos primeiros meses do ano em relação ao ano passado.

Mas Sauer considera que os bons resultados obtidos nas vendas no mês passado devem repetir-se a partir de agora, provocando em 1985 uma leve recuperação. Os lançamentos de novos carros, principalmente da Fiat, estimulam o mercado, ainda que não signifique sinal concreto de recuperação nas vendas.

Para ele, a recuperação só virá se houver uma mudança na política salarial, acompanhada de uma profunda revisão das leis do trabalho, inclusive para assegurar o direito de greve.

Com relação às exportações, disse que a receita cambial da Volks, por exemplo, deve apresentar um crescimento de 18%, se as vendas efetivamente ascenderem a US\$ 420 milhões, contra os US\$ 360 milhões do ano passado. Para 1985, a Volks espera exportar em torno de US\$ 500 milhões, ou mais 9%.

"Plano Marshall"

No Rio, o diretor-geral do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt), Arthur Dunkel, defendeu ontem critérios mais flexíveis para o problema da dívida externa dos países pobres. Dunkel admitiu que seria válido um novo Plano Marshall para que as nações desenvolvidas apoiassem a recuperação do Terceiro Mundo.

— A ideia de um Plano Marshall foi discutida muitas vezes. Eu penso que a situação não é exatamente a mesma do primeiro Plano Marshall, promovido depois da Segunda Guerra Mundial, mas a motivação é válida. O plano foi baseado na noção de interdependência, e hoje esta noção é fundamental, porque nada do que acontece em uma parte do mundo deixa de ter influência em outra".

Dunkel disse que tem de ser considerado o problema social dos países endividados, no encaminhamento de soluções para a dívida externa; as soluções não podem ser vistas isoladamente, mas no contexto sócio-econômico das nações em desenvolvimento.